ESPORTE E LAZER: UMA REFLEXÃO SOCIOLÓGICA EM NORBERT ELIAS

Sérgio Ribeiro dos Santos*

* Professor Doutor do Departamento de Enfermagem da UFPB. Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. Endereço: Rua David Luna, 117-207 Brisamar. CEP 58.033-090 João Pessoa-PB. Contatos: 9984.4329 ou E-mail: srsantos207@gmail.com

ESPORTE E LAZER: UMA REFLEXÃO SOCIOLÓGICA EM NORBERT ELIAS

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de analisar o esporte na perspectiva da sociologia de Norbert Elias. Para tanto, busca enfocar os seguintes assuntos: o processo civilizador e a sociologia do desporto; o esporte e a racionalização social; o desporto na modernidade. A abordagem toma por base a configuração da teoria do processo civilizador.

Palavras-chave: sociologia, esporte e lazer, Norbert Elias.

SPORT AND LEISURE: A REFLECTION IN NORBERT ELIAS' SOCIOLOGY

ABSTRACT: His paper has the objective of analyzing the sport in the perspective of Norbert Elias sociology. For so much, search to focus the following subjects: the civilizing process and the sociology of the sport; the sport and the social rationalization; the sport in the modernity. The approach take for base the configuration of the theory of the civilizing process.

Key words: sociology, sport and leisure, Norbert Elias.

1. Introdução

Este estudo procura analisar o esporte com base na compreensão sociológica de Norbert Elias, a partir da obra "A busca da excitação", sendo, essencialmente, conceitual e teórico em seu enfoque. Para isso, será feita uma abordagem configuracional, a partir da teoria do processo civilizador desenvolvida pelo autor, que representa uma panacéia para todos os problemas da sociologia atual.

Norbert Elias (1897 – 1990) foi um dos maiores pesquisadores de seu tempo, tendo contado com a colaboração de alguns discípulos, a exemplo de Eric Dunnings. As colaborações para a sociologia do esporte são aqui referidas como frutos do pensamento de um homem avançado no seu tempo e de um apurado senso crítico. Para alcançar o objetivo proposto no estudo, foi utilizada uma metodologia de caráter exploratório-descritivo, bem como a pesquisa bibliográfica.

Norbert Elias é considerado um dos principais precursores da chamada sociologia figuracional, através do qual se procura estudar as relações humanas de forma processual. Entende-se por figuracional tudo aquilo que é usado para ilustrar redes de interdependência entre os indivíduos e a distribuição de poder entre eles. Percebe-se que o autor não tem uma visão estática dessas configurações e busca captá-las em contínuo processo de constituição e transformação. Ou seja, as configurações não podem ser planejadas, programadas ou previstas, porque estão, constantemente, sendo construídas e redimensionadas (ELIAS; DUNNING, 1995).

Para Norbert Elias, o saber é desenvolvido através de configurações sociais ao longo da evolução da sociedade. Desse modo, o tempo também surge como produto dessa evolução. É importante destacar que evolução não significa necessariamente progresso, sendo, em sua essência, caracterizada por avanços e retrocessos. Em relação ao tempo, está baseada na capacidade humana de síntese e representação simbólica. Todavia, é preciso esclarecer que o autor em referência não utiliza os termos "evolução", "desenvolvimento" e "progresso", no sentido de uma necessidade automática ou intrínseca à sociedade. Na realidade, conforme se depreende da leitura de sua obra, ele se refere a tais termos no sentido de explicitar, de forma empírica e teórica, mudanças estruturais que aconteceram na sociedade ao longo do tempo. Portanto, "tempo" é um dos elementos que têm acompanhado a evolução da humanidade.

Observa-se também nas idéias de Norbert Elias que as ações e seus agentes não são tratados separadamente, assim como indivíduo e sociedade não são dissociáveis. A partir

dessa compreensão denuncia a separação entre ciências humanas e ciências naturais como produto do desenvolvimento de um conhecimento estanque e particularizado. Como conseqüência disso, segundo ele, fica mais difícil captar as múltiplas relações estabelecidas entre homem e tempo.

Elias (1994) tem o cuidado de não reduzir seus pressupostos a um estado fixo e imutável, buscando compreendê-los em termos de sua processualidade. Mesmo assim, afirma que ainda faltam teorias empiricamente embasadas para explicar o tipo de mudanças sociais de longo prazo que assumem a forma de processo e, sobretudo, de desenvolvimento. Sob essa ótica, conforme deixa entender, a ciência ainda carece de instrumentos para captar eventos de forma processual e interdisciplinar.

Convém frisar que o objetivo deste estudo não é discutir a obra de Norbert Elias, mas analisar o esporte em sua relação com a vida em sociedade. É nesse contexto que serão abordadas algumas questões fundamentais. Antes, porém, pergunta-se: Que relação existe entre o processo civilizador e a sociologia do desporto? Como explicar o esporte diante da racionalização social? Qual o papel do desporto na modernidade?

2. O processo civilizador e a sociologia do desporto

Na vasta obra literária de Norbert Elias, diversos temas são discutidos, destacando-se: sociologia, formação do Estado, sociologia do esporte, solidão e medo da morte, teoria do símbolo e lazer. Com essa variedade de temas, o autor demonstra preocupação com questões que continuam a permear nossa sociedade. Neste estudo, a sociologia do desporto é analisada pela visão sociológica por ele adotada. Acrescenta que este é um ramo da sociologia que não vem recebendo a necessária atenção dos sociólogos contemporâneos.

Elias; Dunning (1995) chegam mesmo afirmar que os sociólogos esqueceram o desporto. Segundo esclarecem, só alguns conseguiram distanciar-se dos valores dominantes e das formas de pensamento característico das sociedades ocidentais. Enfim, poucos tiveram a capacidade de compreender o significado social do desporto, as vantagens que propicia ou o campo de ação que oferece para a exploração de áreas da estrutura social e do comportamento que, geralmente, são ignoradas nas teorias sociais.

Tudo isso leva ao entendimento de que o desporto era visto com pouco apreço pelos sociólogos contemporâneos de Norbert Elias, como atividade de lazer voltada para o prazer envolvendo mais o corpo que a mente e sem nenhum valor econômico. Evidentemente, essa falta de atenção acontecia dadas as circunstâncias históricas vivenciadas pela sociedade, em

que o desporto ainda não havia despertado muito interesse. O autor, no entanto, analisava essa dimensão do esporte com riqueza de detalhes, observando que estava, fortemente, envolvido no campo social.

Elias; Dunning (1995) afirmam que as investigações sociológicas realizadas acerca do desporto tiveram o propósito de resgatar alguns de seus aspectos que não eram ainda conhecidos, ou eram vagamente abordados. Nessa perspectiva, enfatizam que havia a necessidade de se mostrar o desporto como um fator contributivo para a sociedade. Idêntica consideração os autores fazem em relação ao lazer. Para eles, a literatura sociológica sempre tendeu a considerar o lazer como parte integrante do trabalho, como um sistema de crenças e valores que foi historicamente construído na sociedade ocidental e ganhou notável aceitação por parte dos indivíduos e da sociedade.

Ao abordar essa questão, Adão (1998) esclarece que as considerações apresentadas pelos citados autores levam ao entendimento de que as atividades de lazer destinam-se a permitir que as pessoas trabalhem mais e melhor. Portanto, a função do lazer não existe na perspectiva do trabalho. Na realidade, conforme sugerem Elias; Dunning (1995), as estruturas e funções do lazer não podem ser compreendidas se não forem consideradas como um fenômeno social, interdependentes de atividades de não-lazer. Entretanto, do ponto de vista funcional de valor, não podem ser inferiores e não estão subordinadas a estas últimas.

Por outro lado, o desporto pode ser entendido como uma disputa entre pessoas que concorrem individualmente ou em equipes, podendo ser praticado em diversas modalidades. Essa característica atribui um caráter competitivo ao desporto, tendo em vista que os indivíduos se confrontam desde os primórdios da civilização, buscando a superação. Todavia, o mesmo não se pode dizer da excitação que as pessoas buscam no lazer. Em geral, o lazer gera uma excitação agradável, observando-se que, na sociedade contemporânea, são vários os fatores que podem levar à excitação, podendo esta gerar desequilíbrios.

Elias; Dunning (1995) afirmam que, na nossa sociedade, como em muitas outras, sente-se uma necessidade de motivação e de fortes emoções. Estas, quando acontecem, mesmo que sejam motivo de satisfação, desaparecem, para só voltarem a manifestar-se algum tempo depois. Seja qual for a relação que esse tipo de necessidade possa ter com as outras necessidades mais elementares, como a fome, a sede e o sexo, todos os pressupostos acentuam o fato de que ela representa um fenômeno muito mais complexo e menos biológico. Pode-se, então, considerar que a falta de atenção a essa necessidade constitui uma das maiores lacunas na abordagem dos problemas da saúde mental.

Analisando a violência no desporto, Elias; Dunning (1995) explicam-na reportando-se historicamente à Revolução Industrial. Segundo esclarecem, nesse período, houve um processo denominado de "desportivização", que veio a ajudar no processo civilizador da sociedade. Em seguida, fundamentam essa assertiva com o seguinte questionamento: A rápida aceitação do desporto nos países continentais seria, talvez, um sinal da necessidade cada vez maior de atividades de recreação mais ordenadas, de maior regulamentação e menor violência física na sociedade? Talvez, investigações futuras possam responder essa questão.

Com base nesses argumentos, Elias (1993) desenvolve algumas reflexões e também conceitos a respeito do processo civilizador, bem como das conseqüências desse processo ao longo de sua evolução. O processo civilizador constitui uma mudança na conduta e nos sentimentos humanos, rumo a uma direção muito específica. A esse respeito enfatiza o autor:

> [...] o controle efetuado através de terceiras pessoas é convertido, sob vários aspectos, em autocontrole, que as atividades humanas mais animalescas são progressivamente excluídas do palco da vida comunal e investidas de sentimentos de vergonha, que a regulação de toda vida instintiva e afetiva por um firme autocontrole se torna cada vez mais estável, uniforme e generalizada (ELIAS, 1993, p. 193-194. v.2)

Portanto, o processo civilizador nada mais é do que um problema geral da mudança histórica. O autor tentou dar uma resposta ao problema de como teriam surgido, na civilização humana, formações sociais que não foram planejadas, de forma intencional, por nenhum indivíduo isoladamente. Mesmo assim, essas formações sociais geraram uma instituição bastante estruturada e de grande estabilidade. A resposta apresentada pelo autor tem a ver com a base de sua teoria. Nesse sentido, esclarece que planos de ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil (ELIAS, 1993). Sua compreensão a respeito do conceito de sociedade perpassa pela concepção de que as pessoas, através de suas disposições e inclinações básicas, são orientadas umas para as outras e unem-se umas às outras das mais diversas maneiras (ELIAS, 1980). Logo, essas pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos.

Assim, ao longo desse processo de civilização, mudanças específicas na maneira como as pessoas se prendem uma as outras lhes plasmaram a personalidade, estabelecendo um modelo civilizador. Não obstante, essas mudanças e as conseqüências que elas disseminaram na sociedade atual representam uma das preocupações do autor, quando estuda o processo civilizador, sendo, portanto, de grande valia na leitura que fizemos sobre o esporte.

Dentre os fatores mais importantes nas mudanças apontadas por Norbert Elias, merecem destaque: a passagem do controle social ao autocontrole; a difusão da pressão pela

previdência e autocontrole; a diminuição dos contrastes e o aumento da variedade; a transformação de guerreiros em cortesãos; o aumento das pulsões: a psicologização e a racionalização; a vergonha e a repugnância; as restrições crescentes da classe baixa à classe alta (CANTORANI; OLIVEIRA, 2005).

Elias (1994) afirma que a imagem do homem como 'personalidade fechada' é substituída pela "personalidade aberta". Esta possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia, em face das outras pessoas. Mas, na realidade, essa imagem é fundamentalmente orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependência entre os seres humanos é o liame que os liga. Ela forma o nexo daquilo que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. As pessoas são mais ou menos dependentes entre si. Essa dependência ocorre, inicialmente, por ação da natureza e, depois, através da aprendizagem social, da educação, da socialização e de outras necessidades recíprocas socialmente geradas. Essas relações existem, poder-se-ia dizer, apenas como pluralidade de configurações.

O conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa, de forma mais clara, o que se denomina de sociedade. Os atuais instrumentos conceituais da sociologia não são nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um sistema ou totalidade para além dos indivíduos. Constituem, na verdade, a rede de interdependência por eles formada. Certamente, é possível falar-se de um sistema social formado de indivíduos. Porém, as conotações associadas ao conceito de sistema social na sociologia moderna fazem com que essa expressão pareça forçada. Além do mais, o conceito de sistema é prejudicado pela idéia correlata de imutabilidade (ELIAS, 1994, p. 249).

3. Esporte e racionalização social

Dentre as diversas modalidades esportivas discutidas por Norbert Elias, destaca-se inicialmente o futebol. Originado pela *association football* (*soccer*), propagou-se e popularizou-se no mundo. O futebol tem sua origem na Inglaterra, surgindo paralelamente a outras práticas esportivas, tais como: luta, boxe, tênis, caça, críquete, todas de raiz medieval. O desenvolvimento do futebol moderno ocorreu a partir da Revolução Industrial, quando foi organizado em torno de um conjunto de regra. Porém, não se pode dizer que, nos primórdios, a violência, em sua prática, tenha caracterizado a falta de civilidade do futebol. Nesse aspecto, é importante destacar que o sentido de violência, de luta, de regras depende do período em que se analisa a prática do esporte e da sua aceitação pela comunidade local.

Na Grécia antiga, algumas competições, como o pugilato, também eram violentas. Em Olímpia, as elites praticavam esse tipo de esporte, que era aceito na sociedade da época sem restrições. O nível variável de civilização nas competições esportivas torna-se incompreensível, se não for relacionado, pelo menos em parte, com o nível geral de violência e com a correspondente formação da consciência em causa. Para Elias; Dunning (1995) existe uma mudança de ênfase nas competições, ou seja, o desejo de vencer um confronto para aspirar a uma sensação agradável de excitação prolongada. Assim, segundo esclarecem, no desenvolvimento de uma ciência ou de um de seus ramos, a teoria que dominou o sentido da investigação atinge um ponto em que se tornam manifestas suas limitações. Em outras palavras, essa teoria não consegue explicar todos os fenômenos sociais.

Dentre os aspectos sociológicos apontados por Elias; Dunning (1995) acerca do lazer e do desporto, o mais relevante parece ser a violência dos espectadores. Grupos de torcidas de futebol europeus promovem, de forma violenta e irresponsável, a desordem por onde passam. Esses episódios provocam os seguintes questionamentos: Por que isso acontece? Qual o interesse de adultos e jovens do sexo masculino pela luta? Onde está a racionalidade para diferenciar o desporto como lazer da violência ou da luta sem propósito? De acordo com a perspectiva dos referidos autores, essas características, apontadas como causa central do comportamento dos *hooligans* nos jogos ou em contextos semelhantes, são relativamente persistentes, profundamente enraizadas na longa trajetória das comunidades, em especial, em setores específicos de classes trabalhadoras.

Para uma melhor compreensão dessas características, convém ressaltar que a análise do esporte realizada por Elias; Dunning (1995) subjaz à visão da necessidade que tem o indivíduo que vive em sociedade de desenvolver mecanismos de controle de seus impulsos para, assim, poder estabelecer uma convivência civilizada. Para Lopes (1995), a manifestação esportiva despontaria como um espaço onde o extravasamento desses impulsos se daria através da simulação de lutas que produziria nos indivíduos. Foi o que Norbert Elias denominou, a partir do pensamento aristotélico sobre o teatro, de *efeito catártico*[1].

A análise desenvolvida por Norbert Elias sobre o processo civilizador envolve vários aspectos, destacando-se o monopólio do controle da violência pelo Estado. Diversos mecanismos são percebidos como formas de desenvolvimento de um autocontrole necessário para a convivência nessa nova configuração imposta pela formação dos Estados-nação.

[1] Efeito moral e purificador da tragédia clássica, conceituado por Aristóteles, cujas situações dramáticas, de extrema intensidade e violência, trazem à tona os sentimentos de terror e piedade dos espectadores, proporcionando-lhes o alívio, ou purgação, desses sentimentos.

Certamente, o processo civilizador não pode ser visto como um sistema linear. Mas, concretamente, constata-se que o trabalho do autor é marcado pela análise de processos, onde o resgate de uma sociogênese se constitui mais como um mecanismo de entendimento do que como um inevitável caminhar histórico.

Nesse sentido, algumas críticas feitas ao estudo de Norbert Elias, principalmente as que dizem respeito ao recrudescimento da violência, perdem consistência. Por exemplo, ao analisar o esporte como um mecanismo de autocontrole e, portanto, de pacificação, o faz a partir de um local e período específico: a Inglaterra dos séculos XVIII e XIX. Assim, na medida em que a tendência é delineada, a investigação de cada realidade específica é uma necessidade indispensável à sua verificação.

Outro ponto de importância capital, analisado por Norbert Elias, é que a transformação do campo social, bem como da estrutura das funções sociais e psicológicas buscou estabelecer a racionalização. Nesse sentido, enfatiza:

> Paralelamente a essa mudança gradual na totalidade das funções e instituições sociais ocorreu uma transformação da auto-orientação individual – inicialmente nos principais grupos da nobreza e da burguesia – na direção de um maior espírito de previsão e de uma regulação mais estrita dos impulsos da libido (ELIAS, 1993, p. 240).

Para complementar o ideário a respeito da racionalização, o autor acrescenta outros elementos, como a vergonha e a repugnância. A racionalização, segundo esclarece, nos contornos de um processo civilizador, está na peculiar modelação da economia das pulsões que conhecemos pelos nomes de “vergonha” e “repugnância” ou “embaraço” (ELIAS, 1993). Finalmente, chama a atenção para o fato de que a busca da excitação, através do esporte, é considerada muito mais a partir da sua prática como atividade de lazer e menos pelos que o praticam com fins profissionais. Para estes últimos, o esporte se converteria em uma atividade profissional como outra qualquer, sujeita aos mesmos tipos de constrangimentos (ELIAS; DUNNING, 1995).

4. O desporto na modernidade

Entre as marcantes características da modernidade, destacam-se a descontinuidade, a fragmentação, a ruptura e o deslocamento do sujeito de estruturas tradicionais (GIDDENS, 1991; HARVEY, 1992; LACLAU, 1990). A modernidade tem início com a superação do modelo medieval, provocando mudanças em quase todas as dimensões da vida humana. Enquanto projeto de civilização, fundamenta-se num conjunto de valores, dentre os quais destacam-se a racionalidade, o individualismo, a autonomia, o desencantamento do mundo e a

universalidade. Tais valores são apresentados como universais. Acrescente-se também que a base das relações sociais travadas na modernidade passa a ser o propósito maior da sociologia como ciência.

É interessante notar ainda que, conceitualmente, os clássicos da sociologia trataram a modernidade de modo semelhante, em determinados aspectos, entendendo-a como uma nova época, em oposição ao passado. Nesse sentido, ela se caracteriza por gerar rupturas nas diversas esferas da vida social. Por esse prisma, a modernidade propiciou mecanismos de expansão social do saber, de domínio sobre a natureza, bem como de maiores possibilidades de progresso. Além disso, a modernidade pode ser considerada antinatural, antitradicional, antimetafísica, estabelecendo as seguintes polaridades básicas: o social/natural, o moderno/tradicional, o racional/emocional, o científico/metafísico. Pode-se, então, afirmar que existe uma associação entre universalismo e individualismo como tendência moderna. E este parece ser o entendimento comum entre os clássicos (RODRIGUES, 2004).

O elemento essencial da universalidade é a individualidade do indivíduo, a qual resulta numa ruptura com a tradição, oferecendo novas bases para as relações individuais. Portanto, é nesse momento que se chega ao auge do processo de separação entre o homem e a natureza, marcando o advento de determinado tipo de interesse pelo corpo. Várias pesquisas mostram que o mundo moderno promoveu conhecimentos, normas, técnicas e modelos que são operadores e legitimadores do controle do corpo. Sem dúvida, muitos desses conhecimentos encontram-se relacionados ao mundo do esporte. É interessante notar que este se configura como uma das características da sociedade do nosso tempo: a organização da corporeidade.

É consenso entre os estudiosos que o esporte é um dos mais fortes vetores que potencializa o domínio do corpo. Nessa perspectiva, pode-se inferir que as identidades sociais modernas se constroem em torno do corpo. Isso ocorre porque vivemos numa sociedade esportivizada, em relação à busca pelo corpo “perfeito”, com as mais diversas finalidades que vão desde o aspecto estético até a competitividade. Um exemplo dessa realidade é a denominada “geração saúde”, fomentada com a expansão das academias de ginásticas no meio urbano, em que as pessoas obsessivamente buscam corpos saudáveis, fortes e belos.

Outro aspecto relevante do esporte moderno de competição é o treinamento esportivo. As metodologias e os princípios de treinamento são sustentados por conhecimentos científicos e dispositivos contendo elementos que buscam melhorar o desempenho do atleta. E uma das exigências é exatamente colocar o corpo sob um perfeito controle. É necessário operacionalizar o corpo, para que se possa alcançar elevada performance desportiva. Nessa

prática, o corpo aparece como um objeto de manipulação, adestramento e operacionalidade, comparável a uma máquina. O corpo pode ser colocado em funcionamento e, para isso, recebe treinamentos especiais (RODRIGUES, 2004).

Na pós-modernidade, o esporte busca produzir um corpo, de acordo com a necessidade e o objetivo desejado, procurando alcançar o máximo de rendimento para tornar o corpo útil. Isso se manifesta, por exemplo, no processo de profissionalização de atletas. Exige-se que o atleta seja formado em escolinhas, sob rigoroso controle e disciplina. Para Elias (1992), é importante analisar a formação profissional de atletas, na medida em que permite entender um pouco a noção de poder disciplinar desenvolvido por Foucault (2001). Nesse sentido, preocupa-se com a evolução do esporte, vendo nela uma dimensão do processo civilizador. De fato, com a introdução de normas regulamentadoras, procurou-se minimizar a violência nos esportes, controlando impulsos, sublimando desejos[2] e criando condutas, de acordo com as regras estabelecidas pelas entidades controladoras do esporte. Por essa razão, a mudança resultou no processo de institucionalização e racionalização das práticas esportivas, o qual está relacionado ao processo civilizador (ELIAS, 1995).

Portanto, na concepção de Elias (1995), o esporte tem função disciplinar, na medida em que contribui para a formação de uma nova conduta marcada pelo autocontrole. O autor concebe o processo civilizador de forma positiva, entendendo-o como algo que gera a multiplicação e expansão do autocontrole e do controle social, ou seja, civilização como adestramento e pacificação dos costumes.

5. Considerações finais

Ao longo de sua vasta produção sociológica, Norbert Elias dedicou-se à análise de temas e problemas vitais para a compreensão do mundo ocidental. Dentre seus campos de estudo, incluem-se a sociedade do antigo regime, o processo civilizador, as relações entre poder e *habitus*, a vida e a obra de Amadeus Mozart, as relações entre o "eu" e o "nós", a morte, o tempo, o lazer e os esportes. Esse amplo conjunto de temas foi examinado a partir de princípios teóricos inovadores para sua época. Embora dialoguem com autores clássicos da sociologia ou da psicologia, esses princípios acenam para a elaboração de uma vertente interpretativa original. Nesse ponto, o autor apresenta-se avesso a antinomias, o que o leva a buscar relações - e não oposições - entre indivíduo e sociedade, sociedade e natureza, sujeito e objeto, estrutura social e psique.

[2] Processo inconsciente que consiste em desviar a energia da libido para novos objetos, de caráter útil.

Neste estudo, buscou-se fazer uma reflexão da obra de Norbert Elias sobre o desporto nas dimensões do processo civilizador, particularmente, sobre a sociologia do desporto, o esporte e a racionalização social e o desporto na modernidade. A partir desta análise, é possível responder aos questionamentos propostos. Dentre eles, podemos enumerar algumas proposições condensadas, alguns pontos de vista firmados pelo autor:

1. Em "*O processo civilizador*", a preocupação central de Norbert Elias foi estabelecer a correlação entre processo de individuação e formação dos Estados Nacionais. Em outras palavras, foi observar a mudança de longo prazo nas estruturas da personalidade e na sociedade como um todo. Segundo ele, essas duas dimensões tenderiam a uma direção particular: um nível mais alto de diferenciação e integração social próprio à configuração estatal da sociedade. Nesse sentido, esclarece que a estrutura do comportamento civilizado está estreitamente inter-relacionada com a organização das sociedades ocidentais, sob a forma de Estados.

2. A noção de racionalização é uma conseqüência da evolução do processo civilizador. Foi justamente esse processo que gerou transformações no campo social, na estrutura das funções sociais e nos aspectos psíquicos dos indivíduos, contribuindo, assim, para minimizar a violência dos esportes praticados na era medieval.

3. A modernidade é caracterizada pela ruptura com as tradições sociais. Nesse contexto, o esporte passa por um sistema disciplinador, resultante do processo civilizador e da formação do indivíduo moderno. As instituições passam a manipular e controlar o corpo. O esporte obedece a esse rigor disciplinador para se profissionalizar. Em conseqüência, os atletas passaram a submeter-se aos ditames do desporto moderno.

Em suma, pode-se concluir que Norbert Elias foi um sociólogo visionário e responsável pela abordagem sociológica no desporto e no lazer. Foi, portanto, um homem que viveu além de seu tempo.

Referências

1. ADÃO, K.S. Contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning para a teoria do lazer. In.: **Conexões** – educação, esporte, lazer. Campinas-SP, n. 5, dezembro, 2000.

2. CANTORANI, J.R.H.; OLIVEIRA, C.R. O avanço da civilização e as atividades físicas de aventura como meio de lazer: a tecnologia como fator de afastamento e aproximação da natureza. **Conexões**, v. 3, n.2, p.109-122, 2005.

3. ELIAS, N. **Introdução à sociologia.** Lisboa: edições 70, 1980.

4. ELIAS, N. **O processo civilizador**: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

5. ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

6. ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa: Memória e Sociedade, 1995.

7. FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2001.

8. GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

9. HARVEY, D. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.

10. LACLAU, E. **New reflections on the resolution of our time**. Londres: Verso, 1990.

11. LOPES, J.S.L. Esporte, emoção e conflito social. **Mana**, n. 1, out., 1995.

12. RODRIGUES, F.X.F. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 6, n. 11, p. 260-299, jan/jun, 2004.